

Comércio exterior do RS: jan.-out./99*

Álvaro Antônio Garcia**

A maxidesvalorização do real, ocorrida em janeiro de 1999, trouxe, junto com certa euforia, algumas indagações a respeito do futuro desempenho do comércio exterior do Rio Grande do Sul. Dentre elas: qual o impacto, sobre as exportações gaúchas, das vantagens competitivas potencialmente criadas com a mudança cambial? Como se comportaria a economia argentina e as dos demais países da América Latina? E a Ásia sustentaria o processo de recuperação da crise de 97? Os EUA continuariam crescendo? E a Europa poderia elevar o nível de atividade econômica? Como seriam as safras agrícolas pelo mundo, ou, mais abrangente ainda, como se comportariam os preços internacionais das *commodities*? E sobre as importações, qual o impacto da desvalorização cambial e do quadro recessivo que então se vislumbrava? Em que medida elas poderiam ser substituídas por produção local e/ou nacional?

O objetivo deste texto é, com base em dados obtidos para o período de janeiro a outubro de 1999, buscar explicações para o desempenho do comércio exterior do Rio Grande do Sul, o que, acredita-se, possa ser feito a partir das respostas às indagações acima referidas.

Após breves comentários sobre a balança comercial do Estado, parte-se para a análise do comportamento dos principais produtos e do destino das exportações gaúchas. Posteriormente, o mesmo é feito em relação às importações, trocando-se, obviamente, destino por origem. Nas considerações finais, sem explicitar valores quantitativos, busca-se condensar as principais idéias expostas ao longo do texto.

* Este texto foi elaborado com dados disponíveis até 25 de novembro de 1999.

** Economista, Técnico da FEE e Professor da Unisinos.

O autor agradece à Economista Beky Moron de Macadar pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto e à estagiária Karen Villanova Schnädelbach pela coleta e organização das informações.

1 - A balança comercial gaúcha

De janeiro a outubro de 1999, a balança comercial do Rio Grande do Sul apresentou um saldo superavitário de US\$ 1,46 bilhão, resultante de exportações da ordem de US\$ 4,13 bilhões e importações de cerca de US\$ 2,67 bilhões. Comparando-se esses dados com os de igual período do ano anterior, verifica-se um crescimento do saldo comercial, embora tanto as vendas quanto as compras no Exterior tenham-se reduzido em 15% e 26% respectivamente. Por isso, a corrente de comércio do Estado com o Exterior caiu drasticamente, de US\$ 8,49 bilhões para US\$ 6,79 bilhões, considerando-se os dois períodos supracitados.

Como se verá adiante, a queda do preço das *commodities* no mercado internacional, a quebra da safra gaúcha de soja e a criação de uma série de barreiras não tarifárias por parte da Argentina explicam, em grande medida, o desempenho das exportações, ao passo que a desvalorização cambial e a relativa estagnação da economia brasileira são as principais causas do desempenho das importações.

1.2 - O desempenho das exportações gaúchas

Entre janeiro e outubro de 1999, comparativamente a igual período do ano anterior, as exportações gaúchas caíram cerca de 15%, enquanto, no mesmo período, as exportações brasileiras declinaram 10%. Isto, todavia, não alterou a posição do Estado no *ranking* nacional, uma vez que se manteve como terceiro maior exportador do País — com 10,5% do total —, atrás apenas de São Paulo e Minas Gerais. É provável que a queda mais intensa nas vendas externas do Rio Grande do Sul, frente às do Brasil, seja devido ao fraco desempenho do complexo soja.

As exportações gaúchas continuaram concentradas em três segmentos — calçados, fumo e complexo soja —, ainda que tenha havido uma pequena desconcentração, em relação a 1998, fruto da perda de participação relativa do complexo soja. Dos cinco segmentos restantes mais importantes, ganharam participação relativa no conjunto das vendas externas do Rio Grande do Sul o complexo carnes, o de couros e peles e o de plásticos e suas obras, enquanto perderam o de máquinas e instrumentos mecânicos e o de veículos (Tabelas 1 e 2).

Quanto à análise por blocos econômicos, nesse primeiro momento cabe ressaltar a troca de posições entre o Acordo Norte-Americano para o Livre Comércio (NAFTA), a União Européia (UE) e a Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), enquanto mercados de destino dos produtos gaúchos. Com efeito, nos dez primeiros meses de 1999, o NAFTA absorveu 28% do total das exportações do Rio Grande do Sul, a UE, 25% e a ALADI (exclusive México),

22%. Nesse mesmo período, em 1998, o NAFTA e a UE haviam adquirido, cada um, cerca de 23% das exportações gaúchas, e a ALADI (exclusive México), 25%. Por sua vez, o comércio com a ALADI manteve-se concentrado nos países do Mercado Comum do Sul (Mercosul), particularmente na Argentina. Registre-se, ainda, a continuidade do declínio da Ásia (exclusive Oriente Médio), enquanto destino das vendas externas do Estado, embora esse desempenho negativo, como se verá mais adiante, seja explicado pela queda excepcional das vendas de grãos e farelo de soja para a China e Taiwan (Tabela 4).

1.2.1 - Exportações dos principais produtos

Calçados

Entre janeiro e outubro de 1999, as exportações gaúchas de calçados somaram US\$ 929 milhões, um valor 6% inferior ao de igual período de 1998. Apesar da queda, a participação desse item no total das vendas externas subiu de 20% para 23%, dada a redução, de forma mais expressiva, de outros itens relevantes da pauta de exportação do Rio Grande do Sul (Tabela 1). Registre-se, ainda, que, no período supracitado, cresceu a quantidade exportada de “outros calçados de couro natural” e de “outros calçados de couro natural cobrindo o tornozelo”, tendo, portanto, o valor decrescido em função do declínio do preço médio (Tabela 3).

Sendo esse produto o mais importante na pauta das exportações do Rio Grande do Sul, cabem aqui alguns comentários. Como é de conhecimento geral, há alguns anos o setor calçadista do Estado vem sendo pressionado tanto externamente — no mercado norte-americano, pela China, e, em menor escala, pela Itália, Espanha e Indonésia — quanto internamente — pelos estados nordestinos, particularmente o Ceará. Dado o custo mais baixo da mão-de-obra, a China, no mercado internacional, e o Ceará, no nacional, conseguem vender calçados a preços mais competitivos. Não bastasse isto, a valorização da moeda nacional, que vigorou na maior parte dos anos 90, também colaborou para retirar a competitividade, no Exterior, do calçado gaúcho¹.

¹ Mesmo tendo-se em conta que a declaração a seguir possa ter o objetivo de pressionar para a redução de impostos, uma antiga reivindicação do setor, cabe transcrever a opinião de Nestor de Paula, Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), sobre a importância das exportações para o pólo gaúcho de calçados: “(...) para o Rio Grande do Sul, a exportação é duplamente importante. O mercado interno, daqui a alguns anos, vai ser abastecido pelo Nordeste, porque terá um preço bastante menor que o do Sul. Caso não haja imposto na exportação, nossas condições melhorarão bastante. Na exportação, o Rio Grande do Sul vai poder disputar com o Nordeste, mas, no mercado interno, eu infelizmente tenho a dizer que será muito difícil” (PAULA, 1999).

Para fugir da concorrência chinesa no mercado norte-americano, uma parcela do setor calçadista gaúcho optou por agregar valor ao produto exportado, o que levou algumas indústrias a utilizarem couros nobres, normalmente importados. Embora essa estratégia não tenha alcançado pleno êxito, na medida em que nessa fatia de mercado a concorrência é com países como Itália e Espanha, pelo menos ela ajudou o setor a não perder uma parcela maior daquele mercado, que, apesar dos percalços, ainda absorve cerca de 70% de nossas exportações de calçados.

Pelos motivos aludidos acima, a desvalorização do real trouxe uma boa perspectiva para o setor, que, entretanto, foi sendo desfeita à medida que o tempo passava. Inicialmente, em função da própria mudança cambial, os exportadores ressentiram-se da falta de financiamento às exportações, isto é, de acesso ao Adiantamento de Contratos de Câmbio (ACC). Além disso, e como sói acontecer nessas ocasiões, os importadores passaram a exigir preços menores, em dólar, com o intuito de usufruir uma parcela dos ganhos obtidos pelos exportadores com a desvalorização do real. Ainda nessa fase inicial, a própria insegurança do exportador quanto à taxa em que o câmbio iria estabilizar-se e o medo da volta da inflação, que poderia corroer os ganhos da maxidesvalorização, foram fatores que influenciaram no adiamento de contratos de exportação.

De certa forma, tudo isso está refletido nos dados sobre a exportação de calçados para os EUA nos 10 primeiros meses de 1999 comparativamente a igual período do ano anterior. Eles mostram que, embora o *quantum* tenha aumentado, ocorreu um declínio no valor exportado, significando, assim, uma redução mais que proporcional no preço médio (EXPORTAÇÕES..., 1999).

A esse respeito, a questão que fica em aberto para o médio e o longo prazos é a de saber em que medida, tendo de importar uma parcela de couros nobres, além de outros componentes para a fabricação de calçados — como laminados sintéticos da Itália e resinas da Alemanha, Espanha e EUA —, poderão os exportadores gaúchos reduzir ainda mais o preço de seus produtos, em dólar, para assim aumentar sua fatia no mercado norte-americano² (GUIMARÃES, COSTA, 1999).

² Uma outra alternativa para o crescimento da participação gaúcha no mercado dos Estados Unidos é através de parcerias com empresas mexicanas, cujo pólo calçadista é um dos que mais cresce no mundo. Em meados de 1999, empresários do Estado de Guanajuto estiveram no Vale do Sinos sondando a possibilidade de empresas gaúchas fornecerem “calçados em parte”, para serem montados no México e vendidos nos EUA. Pelo acordo feito no âmbito do NAFTA, o México não paga tarifa aduaneira para colocar calçados no mercado norte-americano. Assim, caso conseguisse o certificado de origem como mexicano, o produto gaúcho poderia “driblar” a taxa de 8% que paga atualmente (CALÇADO..., 1999).

O comportamento das exportações gaúchas para a Argentina também merece ser destacado. No Capítulo **Calçados, polainas e artefatos e semelhantes e suas partes** da **Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM)**, os dados de janeiro a outubro de 1999 indicam um crescimento de aproximadamente 42% sobre igual período do ano anterior (EXPORTAÇÕES..., 1999). É provável, entretanto, que, quando estiverem disponíveis os dados referentes a todo o ano de 1999, eles mostrem um equilíbrio *vis-a-vis* os dados de 1998, pelo menos em termos de quantidade, isto é, de pares de calçados exportados. Vejamos por quê.

Na década de 90, o Brasil e, particularmente, o Rio Grande do Sul alcançaram pleno êxito nas exportações de calçados para a Argentina. Aproveitando-se dos acordos do Mercosul, da valorização do peso argentino frente ao dólar norte-americano e da proximidade geográfica, expandiram-se enormemente as vendas naquele mercado. Em 1991, o País exportou 700 mil pares de calçados para a Argentina. Em 1998, foram cerca de 11 milhões de pares. Com este volume, a Argentina equiparou-se ao Reino Unido como segundo maior mercado para os calçados brasileiros, absorvendo cerca de 7% das exportações nacionais.

Se havia sido possível esse crescimento estando o real valorizado, na maioria dos anos do período supracitado é obvio que a expectativa era de um grande salto após a desvalorização, ainda mais porque, dentro do programa de desgravação tarifária no âmbito do Mercosul, a partir de janeiro de 1999 eliminaram-se os 7% da alíquota de importação no mercado argentino. Por esses motivos, falava-se em exportações de 17 milhões de pares ao longo do ano.

Os resultados nos três primeiros meses do ano pareciam corroborar essa expectativa. Nesse período, comparativamente a janeiro-março de 1998, as exportações de calçados para a Argentina haviam crescido 78%. No entanto, preocupada com a invasão de calçados brasileiros, a Câmara de Indústria de Calçados da Argentina (CIC) iniciou uma reação para frear as importações do Brasil. Alegando que a indústria brasileira recebia subsídios e que a manutenção desse fluxo de importações significaria o fechamento de 500 empresas e, conseqüentemente, a perda de 12 a 15 mil empregos em seu país, a CIC propôs o estabelecimento de uma quota de importação (INDÚSTRIA..., 1999). O Governo argentino, em plena época eleitoral, foi sensível à pressão dos calçadistas locais e criou barreiras não tarifárias, que passariam a vigorar a partir de meados de setembro. Visando antecipar-se à entrada em vigor dessas medidas, o Brasil colocou no mercado argentino, só em setembro, o recorde de 2 milhões de pares.

Depois de muita controvérsia, com acusações recíprocas, a CIC argentina e a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) fecharam um acordo em torno de uma cota de 11 milhões de pares para todo o ano de

1999, ou seja, a mesma quantidade do ano anterior.³ Essa informação é importante, porque, para não ultrapassar essa cota, a média mensal das exportações deverá cair drasticamente nos dois últimos meses do ano. Assim, o potencial de crescimento vislumbrado no início do ano provavelmente não se concretizará, embora, até outubro, tenha sido significativo o crescimento das vendas de calçados do Rio Grande do Sul para a Argentina.

Fumo

Analisando-se as exportações por capítulo da NCM, observa-se que, no agregado “Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados”, o valor caiu de US\$ 820 milhões, entre janeiro e outubro de 1998, para US\$ 682 milhões entre igual período de 1999, indicando, portanto, um decréscimo de aproximadamente 17% (Tabela 1). Abrindo essa informação “por mercadorias”, percebe-se que o resultado descrito acima foi consequência da queda dos preços no mercado externo, em cerca de 20%, uma vez que tanto as quantidades embarcadas dos fumos tipo *virgínia* — os mais comercializados pelo Estado no Exterior — quanto as do tipo *burley* cresceram, respectivamente, 7% e 31% (Tabela 3). Embora com peso relativamente pequeno no agregado, o item “cigarros de fumo”, pela queda vertiginosa no volume exportado, merece alguns comentários a respeito de seu desempenho. Antes, porém, vejamos os fatores que influenciaram no comportamento da receita com a venda do fumo não manufaturado.

Os preços do fumo no mercado internacional vêm caindo sistematicamente desde 1996, quando, em média, o quilo valia US\$ 3,82; no ano de 1999, foi comercializado, em média, a US\$ 2,70. Isto é explicado tanto pelo crescimento lento do consumo, quanto pelo aumento da oferta em nível mundial.

A forte campanha antitabagista tem surtido efeito nos países desenvolvidos, onde o consumo vem caindo. Assim, a média de crescimento de 1% no consumo mundial de cigarros está sendo mantida graças a sua evolução nos países emergentes, à exceção de alguns, dentre eles o Brasil.⁴ Por outro lado, excluindo os EUA, a produção vem aumentando nos países tradicionalmente produtores, como China, Índia, Brasil e Zimbábue.

³ Esse acordo, celebrado em Montevidéu, em 29 de setembro, estabelecia que até o final do ano o Brasil poderia exportar 1,7 milhão de pares, sendo que, desse total, seriam abatidos 1,1 milhão, resultantes das exportações de setembro, mas ainda retidos na alfândega argentina (GUIMARÃES, 1999b).

⁴ Segundo Cláudio Henn, Presidente do Sindicato da Indústria de Fumo (Sindifumo), o consumo de cigarros vem decrescendo no Brasil só aparentemente "(...) porque o contrabando do Paraguai não entra nas estatísticas" (GUIMARÃES, 1999a).

O Brasil é atualmente o maior exportador mundial de fumo e o quarto maior produtor, atrás apenas da China, Estados Unidos e Índia. Por sua vez, a totalidade da produção brasileira de fumos para cigarro está concentrada nos três estados do Sul. Em média, a produção gaúcha corresponde a 50% desse total; a de Santa Catarina, a 32%; e a do Paraná, a 12%. Entretanto 92% da produção é processada no Rio Grande do Sul e exportada pelo porto de Rio Grande para a União Européia (41%), Estados Unidos (19%), Extremo Oriente (15%), África e Oriente Médio (8% cada um) (US\$ 735 MILHÕES..., 1999).

Em 1999, a safra brasileira de fumo foi de 549 mil toneladas — 53% no Rio Grande do Sul —, das quais 330 mil deverão ser exportadas até dezembro, volume que, se concretizado, superará em cerca de 10% o de igual período em 1998. Esse desempenho está sendo possível, pelo menos entre janeiro e outubro de 1999, graças à presença da China como compradora e ao aumento de vendas para alguns mercados tradicionais e emergentes, como Extremo Oriente, Oriente Médio e América Latina (GUIMARÃES, 1999). Por outro lado, além das razões já mencionadas acima, colaboraram também para o declínio dos preços a pressão dos importadores após a desvalorização cambial e o fato de que esta foi a segunda maior safra de fumo colhida no Brasil.

A queda de 68% na quantidade exportada de “cigarros de fumo” (Tabela 3) foi decorrência da redução das vendas para o Paraguai, nosso maior importador até o ano passado, que “absorvia” entre 50% e 60% do total comercializado no Exterior pelo Rio Grande do Sul. Acontece que a partir de 1999 começou a vigorar uma alíquota de exportação de 150% quando da venda para países limítrofes. O intuito dessa medida obviamente foi o de inibir o retorno do cigarro ao Brasil através do contrabando. Como o produto exportado não pagava imposto, e este, na composição do preço final do cigarro, tinha um peso muito significativo, o contrabando constituía-se num grande negócio. Só para se ter uma idéia: enquanto o mercado legal vende anualmente cerca de 100 bilhões de unidades de cigarros no Brasil, calcula-se que o “informal” movimente cerca de 30 bilhões de unidades⁵.

Complexo soja

Entre janeiro e outubro de 1998 e idêntico período do ano seguinte, o Rio Grande do Sul teve uma queda brutal nas exportações do complexo soja: as

⁵ Ainda segundo Cláudio Henn, Presidente do Sindifumo, “(...) com a imposição da taxa de 150% sobre as exportações para os países limítrofes, a venda está impraticável, mas o contrabando continua” (US\$ 735 MILHÕES..., 1999).

receitas advindas do comércio exterior caíram 41%, de US\$ 832 milhões para US\$ 487 milhões. Tomando-se individualmente cada componente do agregado, temos que a exportação de soja em grão declinou 65%; a de farelo, 31%; e a de óleo, 27% (Tabela 2). Esse comportamento reflete tanto o decréscimo das quantidades exportadas — à exceção de óleo, com um leve crescimento — quanto o do preço médio (Tabela 3). Já os dados referentes ao Brasil como um todo, para os mesmos períodos, mostram, em termos de valor, uma queda de 27% para a soja em grão, de 19% para o farelo e de 18% para o óleo (BALANÇA..., 1999). Essa diferença de intensidade na queda entre as exportações gaúchas e as brasileiras pode ser explicada em uma frase: *grosso modo*, enquanto o Rio Grande do Sul foi penalizado no volume e no preço, o Brasil só o foi no preço.

A safra de soja no Rio Grande do Sul em 1999, relativamente ao ano anterior, sofreu uma expressiva redução de 30%, caindo de 6,6 milhões para 4,6 milhões de toneladas, mas, devido ao aumento da produção em outras regiões do País, a redução na safra brasileira foi inexpressiva, de 32 milhões para 31 milhões de toneladas.

Essa “pequena” safra gaúcha foi levada a um mercado mundial, onde existia uma superoferta em função da própria safra brasileira, da safra argentina e da safra norte-americana, as três maiores do mundo. Isto, aliado à expectativa sobre a próxima safra norte-americana e à expressiva redução das importações por parte China, que é o segundo maior importador de farelo do mundo, serviu para derrubar ainda mais os preços no mercado internacional. Em contrapartida a sustentar os preços, apenas o razoável comportamento da demanda européia.

Os dados das exportações do Rio Grande do Sul demonstram o que foi afirmado acima: entre janeiro e outubro de 1998, o Estado havia exportado para a China cerca de US\$ 119 milhões em farelo de soja e US\$ 63 milhões em grãos. Em igual período do ano seguinte, foram comercializados com aquele país cerca de US\$ 7 milhões, tanto em farelo quanto em grãos de soja. Considerando o valor obtido com a venda de óleo, que cresceu de US\$ 10 milhões para US\$ 12 milhões, conclui-se que o Rio Grande do Sul, entre os dois períodos acima referidos, teve uma redução das receitas do complexo soja, somente no seu comércio com a China, da ordem de US\$ 166 milhões. Também sofreram grandes baixas as exportações de grãos para Taiwan (Formosa) — de US\$ 76 milhões para US\$ 2 milhões — e de farelo de soja para a Dinamarca — de US\$ 42 milhões para US\$ 14 milhões.

Essas perdas foram apenas parcialmente compensadas com o crescimento das exportações de farelo de soja para alguns países da Europa, como a Espanha — de US\$ 46 milhões para US\$ 73 milhões —, a Itália — de US\$ 6 milhões para US\$ 19 milhões — e outros da Ásia, como a Coreia do Sul — de US\$ 3 milhões para US\$ 20 milhões — e a Indonésia — de US\$ 6 milhões para US\$ 19 milhões (EXPORTAÇÕES..., 1999).

Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos

Nesse capítulo da NCM, as exportações do Rio Grande do Sul, entre janeiro e outubro de 1999, quando comparadas às de igual período de 1998, mostram uma redução de 28%, caindo de US\$ 319 milhões para US\$ 230 milhões (Tabela 1). Embora esse setor seja caracterizado por uma ampla diversidade de linhas de produção, no Estado são três seus segmentos produtivos mais representativos no que concerne às vendas externas: o de máquinas e implementos agrícolas, o de motores diesel e semidiesel e o de aparelhos de ar condicionado.

Conforme mostra a Tabela 2, ocorreu uma queda muito expressiva tanto nas exportações de maquinários e aparelhos para colheita (-68%) quanto nas de motores diesel e semidiesel (-43%), reduzindo as receitas de US\$ 68 milhões para US\$ 22 milhões e de US\$ 40 milhões para US\$ 23 milhões respectivamente.

O mercado comprador dessas mercadorias é constituído basicamente pelos países da ALADI, especialmente os do Mercosul, com grande destaque para a Argentina. A recessão que atinge esse país vizinho (estimativa de queda no PIB de 4% em 1999) e a América Latina como um todo, associada à queda dos preços das *commodities* no mercado internacional, reduziu drasticamente o poder de compra dos produtores rurais da região. Isto explica o fraco desempenho das exportações gaúchas de máquinas e implementos agrícolas. Da mesma forma, a estagnação econômica diminuiu, sobremaneira, o comércio intra-industrial entre os dois maiores parceiros do Mercosul, principalmente o de veículos e suas partes. Como as exportações gaúchas de motores diesel e semidiesel eram direcionadas quase na sua totalidade para a Argentina, elas foram duramente afetadas.

Por outro lado, o valor das exportações de aparelhos de ar condicionado aumentou em 106%, ou seja, de US\$ 17 milhões entre janeiro e outubro de 1998 para US\$ 35 milhões em igual período de 1999. A quantidade exportada saltou de cerca de 47.000 unidades em 1998 para 111.000 unidades em 1999. A desvalorização cambial permitiu uma redução do preço em dólares, o que resultou num expressivo aumento da demanda. O principal destino desse produto é o mercado norte-americano, que, em 1999, absorveu 74% das exportações gaúchas (EXPORTAÇÕES..., 1999).

Complexo carnes

Considerando-se o agregado “carnes e miudezas comestíveis”, as exportações do Rio Grande do Sul apresentaram um pequeno crescimento entre janeiro e outubro de 1999 frente a idêntico período do ano anterior, isto é, subiram de US\$ 211 milhões para US\$ 218 milhões (Tabela 1). Vejamos, a seguir, o desempenho de seus três principais segmentos.

a) Carnes de aves

As exportações de carnes de aves do Rio Grande do Sul tiveram, em termos de valor, um comportamento semelhante entre os primeiros 10 meses de 1998 e igual período do ano seguinte. Na verdade, observou-se um leve crescimento já que o total das vendas de frangos “inteiros” e “em pedaços” subiu de US\$ 157 milhões para US\$ 159 milhões. Desagregando-se esses dados, percebe-se uma diminuição na receita de frangos “inteiros” e um crescimento na de frangos “em pedaços”. Como os preços médios das duas variáveis se mantiveram praticamente constantes, as alterações nos valores devem-se, quase exclusivamente, à variação nas quantidades embarcadas (Tabela 3).

Atualmente o Brasil é o segundo maior exportador de carne de frango do mundo, atrás da França, e terceiro maior produtor, perdendo apenas para a China e para os Estados Unidos. No mercado externo, o País há anos vem sofrendo uma dura concorrência das produções francesa e norte-americana, que são fortemente subsidiadas. A imposição de cotas e a adoção de entraves burocráticos e sanitários têm restringido a entrada da produção nacional em diversos mercados. Na União Européia, por exemplo, afora uma pequena cota que tem isenção tarifária, o restante da produção brasileira sofre uma tributação que chega a 70% do preço do produto. Ademais, a crise de 1997 no extremo oriente da Ásia reduziu drasticamente as importações daquela região, que, juntamente com o Oriente Médio, representa um dos mais importantes mercados para a carne de frango brasileira. Isto não só pela queda do ritmo da atividade econômica, como também porque a desvalorização das moedas locais, frente ao dólar norte-americano, tornou competitivas as produções de alguns países da região, como a Tailândia e a Malásia.

Essa situação, parece, está sendo revertida, em função da desvalorização do real e da recuperação da economia asiática. Entre janeiro e outubro de 1999, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, o Rio Grande do Sul exportou, no segmento cortes, mais 28% para o Japão e mais 19% para Hong Kong⁶. Para o seu mais importante mercado de frangos “inteiros”, o da Arábia Saudita, o Estado aumentou em 6% suas receitas com as exportações (EXPORTAÇÕES..., 1999).

⁶ Hong Kong voltou a pertencer à China em 1º de julho de 1997, depois de 156 anos de domínio britânico. Entretanto, pelo acordo entre os dois países, Hong Kong manteve um alto grau de autonomia administrativa, o que justifica o lançamento dos dados referentes ao seu comércio exterior separadamente dos da China.

Por outro lado, o Rio Grande do Sul, que normalmente participa com cerca de 25% das exportações nacionais de carne de frango, entre janeiro e outubro de 1999 havia exportado 22% do total nacional. Essa queda de participação talvez seja explicada pelo fato de o Estado, pela proximidade geográfica, ter sido mais afetado pela crise argentina, uma vez que as vendas de frangos “inteiros” para esse país do Prata reduziram-se em 27% (EXPORTAÇÕES..., 1999). Registre-se, ainda, que a Argentina implantou medidas protecionistas de cunho fitossanitário, e seu governo vem sendo pressionado por produtores locais para criar mais obstáculos à entrada do frango brasileiro.⁷

b) Carne de suínos

Entre janeiro e outubro de 1999, comparativamente a idêntico período do ano anterior, as exportações de carne suína do Estado decresceram cerca de 12% em termos de valor, de US\$ 35 milhões para US\$ 31 milhões (Tabela 2). Como a quantidade exportada cresceu 15%, a queda de 23% no preço médio foi a responsável pelo decréscimo da receita (Tabela 3).

Os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina são os maiores produtores e exportadores brasileiros de carne suína, sendo que as exportações gaúchas oscilam em torno de 17% do total das exportações brasileiras. Após receberem o título de área livre da febre aftosa no início de 1998, esses Estados conseguiram um expressivo aumento nas exportações naquele ano. A expectativa era de que as vendas continuassem se ampliando em 1999, em função até de que a carne suína é a mais consumida no mundo. No entanto a abertura de mercados não se concretizou, e as exportações brasileiras continuaram extremamente concentradas — cerca de 90% do total — em apenas dois mercados, Argentina e Hong Kong. O Rio Grande do Sul também exporta carne suína para o Uruguai. Segundo especialistas do setor, além do tradicional protecionismo das nações desenvolvidas, muitos países não aceitam que apenas determinada região, e não o país como um todo, possa estar livre da febre aftosa. É o caso, por exemplo, do Japão, maior importador mundial de carne suína, que não reconhece o título de áreas livres de febre aftosa concedido pela Organização Mundial de Epizootias (OIE) aos dois estados do extremo sul do Brasil (SOUZA, 1999).

⁷ A esse respeito, “A Câmara Argentina de Produtores Avícolas solicitou o urgente fechamento da fronteira à entrada ‘massiva’ de ovos, frangos e derivados de produtores brasileiros, aos quais responsabilizam pela bancarrota de setor por competirem com preços inferiores aos deles. A rinha é antiga e envolve diretamente exportadores gaúchos” (ERTEL, 1999).

Por isso as exportações gaúchas em 1999 continuaram concentradas no comércio com a Argentina — 60% do total —, onde a receita caiu 20%, embora o volume tenha se mantido praticamente o mesmo, com Hong Kong, onde a receita caiu 14%, ainda que o volume exportado tenha aumentado, e com o Uruguai, onde ocorreu um crescimento de 33% na receita e de 82% no volume exportado (EXPORTAÇÕES..., 1999).

c) Carne bovina

A desvalorização do real frente ao dólar aumentou a competitividade do produto nacional e foi a principal responsável pelo crescimento de 73% nas exportações gaúchas de carnes bovinas industrializadas, que saltaram de US\$ 11 milhões em 1998 para quase US\$ 20 milhões em 1999, considerando-se os 10 primeiros meses de cada ano (Tabela 2). Os principais mercados compradores desses produtos são a União Européia e os Estados Unidos.

Já as exportações de carne *in natura* (congeladas ou frescas) passaram de US\$ 11 milhões para US\$ 18 milhões (EXPORTAÇÕES..., 1999), mas ainda estão muito abaixo do suposto potencial de exportação do Estado.

Após ter recebido o certificado de zona livre da febre aftosa **com vacinação**, o Rio Grande do Sul vem se esforçando para aumentar suas exportações de carne *in natura*. Haveria pelo menos dois motivos para explicar um desempenho aquém do esperado: o fato de o rebanho do Estado ainda não ter obtido a condição sanitária livre de febre aftosa **sem vacinação** — esperado para 2001 — e também porque, no Brasil, só o Rio Grande do Sul e Santa Catarina são considerados zonas livres de febre aftosa, o que retrai os importadores para os quais é difícil entender que não há contágio dos rebanhos desses estados com os demais rebanhos do País. Nesse sentido, só o título de livre de febre aftosa **sem vacinação**, associado à obtenção pelos demais estados do título de, pelo menos, livre de febre aftosa **com vacinação**, poderia dar esperança para o ingresso de carne *in natura* em mercados mais exigentes, como o dos EUA e o do Japão.

Em agosto de 1999, uma missão técnica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) visitou o Rio Grande do Sul para verificar os sistemas de controle de aftosa no Estado. Após os trâmites burocráticos, e se tudo der certo, é possível que o Estado ganhe uma cota para exportar carne *in natura* para aquele país. Segundo Fernando Aducci, Presidente da Comissão de Pecuária de Corte, da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), "(...) é fundamental que nossa carne ingresse nos EUA, pois aquele mercado é uma referência mundial que vai nos possibilitar novos negócios com outros países" (ESTADO..., 1999).

Peles e couros

Quando se analisam as vendas externas do Rio Grande do Sul no Capítulo Peles e couros — em janeiro-outubro de 1999 contra igual período de 1998 —, observa-se uma redução de 8% no valor, isto é, de US\$ 218 milhões para US\$ 200 milhões (Tabela 1).

Uma parcela desse valor está desagregada na Tabela 2, onde é apresentada a performance das mercadorias “couro/pele bovina, preparado após curtimento, plena flor”, “outros couros/peles bovinas, preparados após curtimento, plena flor” e “couro/pele, inteiro/meio, de bovino, *wet blue*”. Sob esse aspecto, o que chama atenção é o aumento verificado neste último segmento, cuja receita com exportações saltou de US\$ 23 milhões para US\$ 37 milhões, representando uma variação de 61%.

A exportação de couro *wet blue*, uma matéria-prima sem nenhum acabamento, vem crescendo a cada ano, desde a desoneração dos tributos de exportação para produtos primários — Lei Kandir —, instituída há cerca de três anos. Essa medida, que tem gerado polêmica em várias áreas, também é discutida entre os empresários do setor coureiro-calçadista, onde muitos se queixam de que ela facilitou o fornecimento de um couro, praticamente sem nenhum valor agregado, para países que concorrem com o Brasil no mercado internacional de calçados. As exportações gaúchas de couro *wet blue* para a Itália, por exemplo, cresceram de US\$ 16 milhões em 1998 para quase US\$ 30 milhões em 1999 (EXPORTAÇÕES..., 1999).

Por esse motivo, o Centro das Indústrias de Curtume do Brasil (CICB-Couro Brasil) recentemente iniciou uma campanha para que o País — que é o segundo produtor mundial, com 35 milhões de peças/ano — substitua as exportações de couro *wet blue* por couro com maior valor agregado. Segundo Amadeu Fernandes, Vice-Presidente de ações estratégicas da entidade “(...) para cada funcionário envolvido em uma peça *wet blue*, sete ou oito são necessários para a produção de couro semi-acabado ou acabado”. Além disso, uma peça *wet blue* vale, hoje, em média US\$ 35, enquanto a mesma peça semi ou acabada vale US\$ 75 no mercado internacional. Temos mercado internacional e qualidade equivalente aos melhores do mundo para a fabricação de couro acabado” (PAZ, 1999).

Outros

As exportações do Capítulo **Plásticos e suas obras** mantiveram-se praticamente estáveis, comparando-se janeiro-outubro de 1999 (US\$ 169 milhões) com igual período do ano anterior (US\$ 170 milhões). As principais exportações desse agregado são de mercadorias oriundas do Pólo Petroquímico de Triunfo. Conforme mostra a Tabela 2, das vendas externas de polietileno e de polipropileno,

sobressai o crescimento de “polietileno linear, densidade menor que 0,94 em forma primária”, cujas exportações saltaram de US\$ 64 mil em 1998 para US\$ 15 milhões em 1999. Provavelmente, esse desempenho advém da entrada em operação, em julho de 1999, de um nova planta industrial desse produto intermediário (DESESSARDS, 1999).

Por outro lado, também chama atenção a expressiva queda de 41% nas vendas externas de **Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.**, que, após terem atingido US\$ 240 milhões em 1998, diminuíram para US\$ 143 milhões em 1999 (Tabela 1). Esse desempenho é explicado, em grande medida, pela redução nas vendas para os países da América Latina, particularmente naquelas para a Argentina. Entre janeiro e outubro de 1998 e igual período de 1999, as exportações gaúchas de “outros tratores” caíram de US\$ 51 milhões para US\$ 12 milhões, e as de “outras partes e acessórios para tratores e veículos”, de US\$ 51 milhões para US\$ 6 milhões. Só para a Argentina, as vendas do Capítulo **Veículos, etc.** reduziram-se de US\$ 95 milhões para US\$ 42 milhões (EXPORTAÇÕES..., 1999).

As vendas externas de **Móveis** continuaram em ascensão: de US\$ 86 milhões em janeiro-outubro de 1998 para US\$ 97 milhões em idêntico período de 1999 (Tabela 1). O pólo moveleiro do Rio Grande do Sul, que é o segundo do Brasil, com cerca de 20% da produção nacional e 25% das exportações, foi beneficiado pela desvalorização cambial. Mesmo reduzindo o preço médio, em dólar, o aumento mais que proporcional do *quantum* exportado viabilizou o crescimento das divisas (EXPORTAÇÕES..., 1999). Ademais, segundo a Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul, além de manter mercados tradicionais como Europa e EUA, o Estado vem abrindo novas frentes na América Latina e, principalmente, em países da América Central e do Caribe, ocupando nichos até então dominados pela indústria norte-americana e pela canadense (ARRUDA, 1999).

Destacam-se, ainda, as exportações de **Pasta química de madeira** (celulose), que cresceram de US\$ 51 milhões para US\$ 69 milhões, ou seja, em 35% (Tabela 2), o que foi possível graças à recuperação do mercado asiático e dos preços em nível internacional. Só as exportações gaúchas para a Coréia do Sul subiram de US\$ 5 milhões, entre janeiro e outubro de 1998, para US\$ 21 milhões, entre igual período de 1999 (EXPORTAÇÕES..., 1999).

1.2.2 - As exportações por destino

As exportações gaúchas entre janeiro e outubro de 1999, comparativamente a igual período do ano anterior, apresentaram uma redução de 25% frente

aos países do Mercosul. Esse desempenho é resultado de uma redução das vendas para todos os países do bloco. Só para a Argentina, nosso segundo maior mercado no Exterior, a receita com as exportações caiu 23%, isto é, de US\$ 600 milhões para US\$ 461 milhões. Para o Uruguai, a queda atingiu 17% e para o Paraguai, 38% (Tabela 4). Isto é reflexo da estagnação que atinge essa região e da redução dos preços internacionais de todo um conjunto de produtos primários e agroindustriais. Ademais, diante da expectativa de um aumento muito grande de suas importações provenientes do Brasil, a Argentina criou uma série de obstáculos visando impedir o acesso ao seu mercado. Quanto às exportações para os demais países da ALADI (exclusive México), a queda de 30% expressa a recessão que atinge a América Latina, para a qual se estima, para 1999, uma retração do PIB da ordem de 0,3%. Registre-se, ainda, que, nesse mesmo ano, o Chile e a Colômbia também desvalorizaram suas moedas (ECONOMIA..., 1999).

As exportações para o NAFTA mantiveram-se praticamente no mesmo patamar do ano anterior, alcançando uma alta que não chegou a 1%. Para os EUA, maior mercado externo do Estado e que absorveu 92% das vendas gaúchas para o NAFTA em 1999, as exportações evoluíram 2%, isto é, passaram de US\$ 1,04 bilhão para US\$ 1,06 bilhão (Tabela 4). Esse resultado poderia ter sido bem melhor, não fosse a redução dos preços, em dólar, dos calçados e do fumo, que responderam, respectivamente, por 54% e 6% do total das exportações gaúchas para os EUA em 1999 (EXPORTAÇÕES... 1999).

As exportações para a União Européia apresentaram uma redução de valor da ordem de 7%. De uma maneira geral, esse comportamento reflete a queda quase generalizada dos preços das *commodities* no mercado internacional. Acrescente-se, ainda, que o Rio Grande do Sul não pode se beneficiar amplamente do aumento de sua competitividade externa, resultante da desvalorização cambial, devido à quebra de sua safra de soja.

No comércio com a Ásia (exclusive Oriente Médio), o resultado negativo de 35% está, de certa forma, "viesado", em função do comportamento atípico das exportações do complexo soja para a China e Taiwan. Conforme já mencionado, o Estado vendeu para esses dois países, nos 10 primeiros meses de 1999, cerca de US\$ 240 milhões menos do que havia comercializado no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, a recuperação das economias do Extremo Oriente já pode ser sentida, pelo menos no comércio com alguns países, como demonstram os resultados das exportações gaúchas para a Coreia do Sul (+ 213%), para a Indonésia (+ 94%) e para Cingapura (+ 56%). Mesmo a redução das exportações para o Japão (-7%) pode ser vista como um sinal de desaceleração da

queda, uma vez que, em 1998, comparativamente a 1997, o resultado havia sido negativo em 16% (Tabela 4).

Quanto ao Oriente Médio, grande parte da queda das exportações para aquele mercado — menos 13% entre janeiro e outubro de 1999, relativamente a idêntico período de 1998, ou, em valores absolutos, menos US\$ 33 milhões — pode ser explicada pela redução, em 19%, nas importações do Irã (menos US\$ 31 milhões, quase exclusivamente em farelo de soja), que não foram compensadas pelo crescimento de US\$ 3 milhões nas exportações gaúchas de “frangos inteiros” para a Arábia Saudita. (Tabela 4 e EXPORTAÇÕES..., 1999).

1.3 - O desempenho das importações gaúchas

Antes de tecer alguns comentários sobre o desempenho das importações gaúchas, é mister esclarecer que esses resultados devem ser analisados com certa reserva.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, enquanto as exportações são registradas conforme a unidade da Federação que produziu a mercadoria, as importações o são pelo domicílio fiscal da empresa importadora. Por outro lado, segundo informações obtidas junto à Receita Federal, uma mesma empresa importadora pode ter mais de um domicílio fiscal no País. Por exemplo, um na unidade da Federação onde se localiza sua matriz, e um em cada estado onde estão suas filiais. Mais ainda, pode haver mais de um domicílio fiscal por unidade da Federação e pode-se escolher onde haverá o desembaraço da mercadoria, o que, para os nossos propósitos, significa dizer onde se dará o registro de importação.

Dessa forma, uma mercadoria pode ser internalizada (registrada) pelo porto de Rio Grande e comercializada em São Paulo, ou dar entrada pelo porto de Santos e ser vendida no Rio Grande do Sul. Embora obviamente isto facilite os trâmites burocráticos, cria um potencial enorme de “erros”, quando se pretende avaliar as importações, isto é, para qual estado elas efetivamente se dirigiram. Para tanto, dever-se-ia ter um controle do comércio por vias internas, para os quais não há dados confiáveis. Assim sendo, o desempenho das importações, por unidade da Federação, deve ser analisado com a devida cautela.

Tudo isso, no entanto, não invalida uma tendência clara manifesta nos resultados das aquisições gaúchas em 1999: afora poucas exceções, perfeitamente explicáveis, ocorreu uma expressiva redução no valor importado. Feitas essas observações, vamos aos dados.

1.3.1- Importações dos principais produtos

Combustíveis

As importações de combustíveis do Rio Grande do Sul apresentaram um crescimento de valor de 12%, ou seja, de US\$ 504 milhões para US\$ 565 milhões (Tabela 5). As três principais mercadorias que compõem esse capítulo (óleos brutos de petróleo, outras naftas e naftas para petroquímica) também apresentaram crescimento de 16%, 18% e 1% respectivamente (Tabela 6).

Os produtos incluídos nesse capítulo podem ser considerados “estratégicos”, uma vez que são imprescindíveis ao desenvolvimento da atividade econômica e, assim, precisam ser adquiridos independentemente (ou quase) do nível de seus preços no mercado internacional. Como o Brasil ainda não é auto-suficiente na produção de petróleo e derivados, as alterações no valor importado dão-se basicamente em função do comportamento dos preços externos. Foi o que aconteceu com o Rio Grande do Sul — e com o Brasil — em 1999. No Estado, ocorreu uma leve queda na quantidade importada de petróleo e seus derivados, provavelmente em função do quadro recessivo da economia, o que, entretanto, foi insuficiente para contrabalançar o crescimento dos seus preços no mercado internacional. Daí o crescimento no valor importado (IMPORTAÇÕES..., 1999).⁸

Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos

As importações constantes no Capítulo 84 da NCM (caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, etc.) incluem um número muito diversificado de produtos que, via de regra, possuem médio e alto valor agregado, não têm similares produzidos no Estado e são importados de países desenvolvidos ou, quando é possível, de outras unidades da Federação.

Nesse capítulo, conforme mostra a Tabela 5, o Rio Grande do Sul importou do resto do mundo US\$ 389 milhões entre janeiro e outubro de 1999, quando havia comprado, no Exterior, US\$ 605 milhões em igual período do ano anterior, registrando, assim, uma queda de 36%. Certamente esse desempenho é resultado da relativa estagnação da economia local e, principalmente, da desvalorização cambial, que elevou, sobremaneira, os preços em reais dos produtos adquiridos no Exterior. Assim, é provável também que, na medida do possível,

⁸ Entre outubro de 1998 e outubro de 1999, o preço do petróleo no mercado internacional cresceu 75% (BALANÇA..., 1999).

boa parte dos produtos adquiridos pelo Estado no Exterior, em 1998, tenham sido substituídos, em 1999, por compras no mercado nacional.

Veículos

De todos os capítulos incluídos na Tabela 5, o que apresentou maior redução, de 60% no valor de suas importações, foi o de “veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.”. Enquanto no período janeiro-outubro de 1998 o Rio Grande do Sul havia importado US\$ 553 milhões, nos primeiros 10 meses do ano seguinte comprou, no Exterior, apenas US\$ 222 milhões, fazendo com que a representatividade desse agregado, no total das importações, caísse de 15% para 8%. Sem dúvida, esse desempenho é explicado, em parte, pela desvalorização cambial e pela redução do ritmo da atividade econômica no Brasil.

Todavia isso não é tudo. Uma parcela dessa queda é resultante da substituição do Rio Grande do Sul enquanto área de internalização de veículos. Com efeito, as importações desses produtos haviam crescido assustadoramente em 1998 — em 484% comparativamente a 1997 —, devido à decisão da General Motors e da Ford de internalizarem parte de suas compras do Exterior, basicamente aquelas procedentes da Argentina pelo porto de Rio Grande (TERUCHKIN, 1999). Entretanto, em meados de 1999, a Ford, que havia importado por aquele porto 38 mil veículos no ano anterior — contra 12 mil da General Motors —, decidiu que, doravante, realizaria suas importações pelo porto de Vitória, no Espírito Santo (FONSECA, 1999). Essa decisão, obviamente, retirou o Estado de área de “passagem” desses veículos.

Máquinas, aparelhos e materiais elétricos

Esse capítulo da NCM agrupa uma vasta gama de produtos de médio e alto valor agregado, sendo a sua grande maioria constituída de bens de consumo duráveis e de bens de capital, sem produção similar no Estado. Na medida em que a maior parte deles não pode ser considerada como produto estratégico e que seus preços não costumam oscilar muito no mercado internacional, causou estranheza o fato de as importações gaúchas, de “máquinas, aparelhos e materiais elétricos, etc.”, terem crescido 93% entre janeiro e outubro de 1999, comparativamente a igual período do ano anterior, isto é, de US\$ 93 milhões para US\$ 180 milhões (Tabela 5). A surpresa foi ainda maior, porque o descrito acima aconteceu num ano de relativa estagnação econômica e após uma expressiva desvalorização do real.

Entretanto, a partir da desagregação desse capítulo “por mercadorias”, o mistério foi sendo desfeito. Conforme mostra a Tabela 6, o item “outros grupos eletrogênicos”, após não apresentar importações em 1998, aparece com um va-

lor de US\$ 95 milhões em 1999, ou seja, o equivalente a 53% de todo o agregado. Na verdade, esse valor corresponde a importações de turbinas, geradores e acessórios, dos EUA, para a usina termoeletrica que está sendo construída em Uruguiana. Trata-se, portanto, de uma aquisição eventual. Excluindo-se esse item, o Capítulo **Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, etc.** apresentaria em 1999, relativamente ao ano anterior, uma redução de 8%, o que está de acordo com a conjuntura econômica do País e do Estado, uma vez que uma parcela das importações de 1998 deve ter sido substituída por produção nacional.

Cereais

As importações gaúchas de cereais apresentaram uma queda de 34%, comparando-se janeiro-outubro de 1999 com idêntico período do ano anterior. Em termos de valor, reduziram-se de US\$ 272 milhões para US\$ 179 milhões (Tabela 5). Nesse capítulo, estão agrupadas mercadorias que normalmente também são produzidas no Rio Grande do Sul, sendo que o *quantum* importado varia de acordo com o comportamento das safras — gaúcha e brasileira — e também em função do grau de dificuldade para a aquisição do produto no Exterior.

Conforme mostra a Tabela 6, das principais mercadorias desse agregado, o Rio Grande do Sul apresentou uma queda nas importações de arroz semibranqueado (-73%) e de arroz descascado (-51%) e um crescimento nas compras externas de arroz com casca (13%) e de trigo (8%). Entretanto tudo indica que crescimento mesmo só se verificou no caso do trigo, uma vez que quase a metade do valor das importações de “arroz (*paddy*) com casca, não parboilizado” deve-se a um produto procedente dos EUA, que ingressou no Estado no ano de 1998, mas só foi pago no decorrer de 1999.⁹

O Rio Grande do Sul teve em 1999 uma safra muito boa de arroz, o que ajudou a refrear as importações já pressionadas pelo encarecimento dos produtos cotados em dólares. Ressalte-se, entretanto, que nos últimos anos cresceu muito a produção de arroz no Uruguai e na Argentina, que tem como destino

⁹ Segundo os dados da Secex (IMPORTAÇÕES...1999), as importações gaúchas de “arroz (*paddy*) com casca, não parboilizado”, procedentes dos EUA, que produzem praticamente só para exportar, aumentaram de US\$ 13 milhões entre janeiro e outubro de 1998 para US\$ 27 milhões em igual período de 1999, o que causou surpresa no analista, uma vez que, além de terem ocorrido safras muito boas no Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, houve uma desvalorização significativa do real frente ao dólar norte-americano. Segundo informações obtidas junto ao Instituto Riograndense do Arroz (Irga), não existiram importações de arroz dos EUA em 1999, sendo o valor referido acima, provavelmente, resultado de importações a prazo verificadas em 1998 e só pagas no ano seguinte.

quase exclusivo o mercado brasileiro. Também nesses países ocorreram excelentes safras, e, sem a perspectiva de colocar o arroz nos respectivos mercados locais, cujo consumo é irrisório, os produtores fizeram algumas tentativas de inserção no mercado internacional — como no Irã e no Peru —, que, no entanto, não foram suficientes para abrandar o excesso de oferta. Dessa forma, o arroz produzido pelos países do Prata aportou no Brasil a preços muito baixos, o que impediu uma queda mais significativa das importações gaúchas.

A expectativa de redução drástica das importações de trigo acabaram não se concretizando, tanto para o Brasil quanto para o Rio Grande do Sul. Apesar de o crescimento da safra gaúcha de 1999, comparativamente a 1998, ter alcançado cerca de 20%, o Brasil como um todo manteve praticamente a mesma produção considerando-se esses dois anos. Assim, as necessidades brasileiras de importação de trigo — 75% da demanda de 8,8 milhões de toneladas — sofreram uma pequena redução devido à queda no consumo interno. Por outro lado, 95% das compras externas de trigo são provenientes da Argentina, que, por sua vez, coloca no Brasil aproximadamente 56% das exportações desse cereal.

Com os preços achatados no mercado internacional e a recessão no seu principal parceiro comercial, a Argentina ficou sem outra alternativa que não a de manutenção dos preços em níveis relativamente baixos, o que, em parte, compensou a desvalorização cambial no Brasil e freou uma elevação mais expressiva em termos de valor importado.

Outros

Também merecem destaque as importações de **produtos químicos orgânicos**, com crescimento de 14% — de US\$ 127 milhões para US\$ 144 milhões —, e as aquisições de **adubos e fertilizantes**, com decréscimo de 13% — US\$ 179 milhões para US\$ 156 milhões (Tabela 5).

A indústria química produz uma infinidade de produtos de tal sorte que é praticamente impossível acompanhar o seu desempenho em termos de volume. Boa parte desses produtos, por sua vez, constituem matérias-primas para outra infinidade de produtos. Embora, muitas vezes, essas matérias-primas representem uma pequena parcela do custo final dos produtos, algumas delas não possuem similares no mercado nacional, o que torna indispensável sua aquisição e faz delas um produto estratégico. Dessa forma, é bem possível que o crescimento de 14% no valor importado seja decorrência do aumento dos preços no mercado internacional dessas matérias-primas estratégicas.

Por sua vez, o decréscimo verificado nas compras de adubos e fertilizantes advém de seu menor consumo no Estado em função do aumento dos preços em reais e da descapitalização dos produtores rurais. Para a safra 1999/2000, é

esperada uma queda no consumo de fertilizantes da ordem de 15%. Segundo Adair Schiavon, Presidente do Sindicato da Indústria de Adubos do Rio Grande do Sul (SIARGS), os produtores “(...) estão descapitalizados e com dificuldades para bancar o custeio, pois não há financiamentos, e os preços dos produtos não acompanharam a alta do dólar” (VENDAS..., 1999).

Por fim, cabem alguns comentários sobre o desempenho das importações de **lácteos** e de **cebola** que, apesar de não terem um peso expressivo na pauta importadora, merecem registro por se tratarem de mercadorias que concorrem com a produção local.

As importações de leite e seus derivados, oriundas basicamente de nossos vizinhos do Prata, caíram bastante em decorrência do crescimento de seus preços em reais, embora em dólares boa parte desses produtos tenha sofrido um decréscimo de preço. Em junho de 1999, somente 5% dos produtos lácteos expostos nas prateleiras dos supermercados gaúchos eram importados, contra 30% em tempos de câmbio valorizado (SEVERO, 1999). Nos 10 primeiros meses de 1999, por exemplo, as compras externas totais de “leite UHT, 1% < matéria gorda > = 6%, não concentrado” haviam diminuído em 27% (Tabela 6), e as importações do Uruguai de “queijos contendo entre 36% e 46% de teor de umidade” haviam decrescido em 54% (IMPORTAÇÕES..., 1999).

Cabe ainda registrar a expressiva redução de 52% nas importações de cebola (Tabela 6), resultado da variação cambial e da boa safra gaúcha desse produto. Mesmo tendo pouquíssima expressão na economia gaúcha, a produção e a comercialização de cebola representam muito para uma das áreas mais pobres do Estado: a região de Tavares e de São José do Norte.

1.3.2 - As importações por país de origem

As importações gaúchas em 1999 continuaram concentradas em dois países, Argentina e Estados Unidos, que responderam por 48% do total. Dos 16 países listados na Tabela 7 — importações superiores a US\$ 25 milhões —, o Rio Grande do Sul apresentou um decréscimo nas importações com 12 deles. No comércio com a Argentina, o desempenho de -37% advém da desvalorização do real e da recessão econômica no Brasil, o que resultou na queda do comércio intra-industrial e das compras externas de produtos primários e agroindustriais. Um outro fator que explica a redução das importações foi a decisão da Ford de substituir o porto de Rio Grande como local para o internalização de seus veículos no País. A perda de competitividade do produto estrangeiro explica também a redução nas aquisições do Uruguai e do Chile.

No caso dos países desenvolvidos — Estados Unidos, Canadá, Japão e países-membros da União Européia —, trata-se do efeito da desvalorização cambial associado ao quadro recessivo da economia brasileira, o que levou os importadores do Estado a reduzirem seus pedidos e, na medida do possível, a substituírem as manufaturas importadas por nacionais. Ainda conforme a Tabela 7, dos quatro países com os quais o Rio Grande do Sul apresentou um acréscimo nas importações, em três deles — Argélia, Nigéria e Venezuela — esse aumento decorreu exclusivamente das aquisições de petróleo e de seus derivados. Tratam-se, como já foi mencionado, de produtos estratégicos, de demanda inelástica, que tiveram seus preços majorados no mercado externo. Já o aumento nas aquisições da Federação Russa é decorrência dos melhores preços oferecidos por esse país no mercado internacional de adubos e de fertilizantes.

2 - Considerações finais

Quando foi abandonado o sistema de bandas cambiais — em janeiro de 1999 — e teve início o processo de desvalorização do real, uma certa euforia tomou conta do Rio Grande do Sul. Sendo um Estado tradicionalmente exportador, dizia o bom senso que seria beneficiado a partir das vantagens competitivas advindas da mudança do regime cambial. Passado quase um ano, fica-se, por um lado, com uma certa frustração, por verificar que as exportações caíram em relação ao ano anterior, e, por outro, com uma sensação de alívio, imaginando-se o tamanho da queda se não tivesse ocorrido a desvalorização cambial. Vários fatores explicam o desempenho das exportações.

Logo após a mudança cambial, as exportações levaram um certo tempo para deslanchar, ou por falta de crédito externo para financiá-las, ou porque, devido às incertezas sobre qual patamar o câmbio iria estabilizar-se, os exportadores nacionais ficaram indecisos sobre qual o melhor momento para fechar os contratos. Nesse sentido, como os dados apresentados neste trabalho referem-se a janeiro-outubro de 1999, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, talvez, quando aparecerem informações referentes ao ano todo, o quadro possa indicar uma queda menor das exportações.

Merece destaque a evolução do comércio com a Argentina. A partir do começo da década, e, principalmente, após a implantação do Plano Real, a valorização cambial foi retirando a competitividade das exportações do Rio Grande do Sul, que, assim, foram perdendo mercado pelo mundo afora. Entretanto, *vis-a-vis* ao desdobramento desses acontecimentos, a desgravação tarifária no âmbito do Mercosul e o estabelecimento do regime de câmbio fixo na Argentina

abriram um “novo mercado” para as exportações gaúchas, o que, em parte, compensou as perdas no comércio extrabloco.

Com a desvalorização cambial, era de se esperar um crescimento das exportações para a Argentina. Todavia isso não aconteceu, porque esse país do Prata — que coloca um terço de suas vendas externas no Brasil — entrou em recessão econômica, sendo que seu Governo, pressionado por empresários locais e às vésperas de eleições presidenciais, criou uma série de obstáculos à compra de produtos do Exterior. Isto resultou num desempenho aquém do esperado das exportações gaúchas, como, por exemplo, de calçados, aves e suínos. Ademais, o baixo preço dos produtos primários no mercado internacional descapitalizou o produtor rural argentino e freou suas importações de máquinas e implementos agrícolas, o que refletiu nas vendas externas da indústria gaúcha.

O baixo preço das *commodities* no mercado externo também foi responsável pelo fraco desempenho das exportações do Rio Grande do Sul. Isto é perceptível quando se analisa o volume exportado em 1999 comparativamente a 1998. Em diversos produtos, o volume comercializado no Exterior até aumentou, mas não foi suficiente para compensar o declínio nos preços. No caso da soja, a situação foi ainda pior, porque, além da redução no preço, caiu também o *quantum* exportado devido à quebra da safra no Estado.

Por outro lado, à exceção dos EUA, os demais mercados, no seu conjunto, apresentaram um comportamento discreto no transcorrer de 1999. A Europa teve um crescimento apenas moderado, a América Latina mostrou-se estagnada, ao passo que a Ásia parece estar saindo da crise iniciada em 1997. De uma maneira geral, os dados do comércio exterior do Rio Grande do Sul refletem essa conjuntura. Um bom exemplo é o caso da Ásia, onde se observaram alguns sinais de recuperação das exportações do Estado, uma vez que, para alguns países, elas aumentaram em 1999, enquanto para outros mostraram uma tendência de desaceleração da queda vertiginosa ocorrida em 1998.

Foi nesse contexto de relativa estagnação que os exportadores gaúchos envidaram esforços para aumentar suas exportações e, em muitos casos, recuperar mercados perdidos. Nessas circunstâncias, muitas vezes, tiveram de partilhar com os importadores o ganho advindo da mudança cambial, reduzindo, assim, os preços, em dólar, de suas mercadorias.

Já o comportamento das importações gaúchas ficou dentro do esperado. A desvalorização cambial retirou parte da competitividade do produto importado, o que, associado à relativa estagnação da economia brasileira, se traduziu numa queda quase generalizada das importações. “Quase”, porque existem produtos estratégicos, sem similares no mercado nacional ou em quantidade insuficiente, cujas compras dificilmente podem ser comprimidas, e, assim, o valor das

importações fica restrito ao comportamento dos preços no mercado internacional. É o caso, por exemplo, do petróleo e de seus derivados e de certos produtos químicos, matérias-primas indispensáveis na composição de uma ampla gama de mercadorias. Como já foi mencionado, o outro crescimento significativo das importações, no Capítulo **Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, etc.** decorreu, exclusivamente, de uma aquisição eventual para a usina termoeleétrica de Uruguaiana.

Para o ano 2000, é provável que venha a ocorrer um aumento nas exportações gaúchas. Antes de mais nada, porque a base de comparação (1999) foi um ano de fraco desempenho. O mais importante, no entanto, é que existe uma expectativa favorável quanto ao crescimento econômico dos principais mercados que adquirem produtos do Rio Grande do Sul. Dessa forma, a manutenção do câmbio, em termos reais, no mesmo patamar de 1999 e a recuperação dos preços de pelo menos algumas das *commodities* exportadas pelo Estado serão suficientes para a expansão das vendas externas em 2000. Por outro lado, o comportamento das importações dependerá, como sempre, do nível da taxa de câmbio, do ritmo da atividade econômica, dos preços no mercado internacional de determinados insumos estratégicos e do volume das safras gaúcha e brasileira.

Tabela 1

Valores e participação das exportações, por capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, do Rio Grande do Sul — jan.-out./1998 e jan.-out./1999

CAPÍTULOS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		$\Delta\%$	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
64 - Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	983 722	929 249	-5,54	20,16	22,51
24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	819 561	681 537	-16,84	16,79	16,51
84 - Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, etc.	318 883	229 839	-27,92	6,53	5,57
23 - Resíduos das indústrias alimentares; alimentos para animais	330 451	227 226	-31,24	6,77	5,50
02 - Carnes e miudezas, comestíveis	211 298	217 681	3,02	4,33	5,27
41 - Peles, exceto peleteria (peles com pêlos), e couros	218 090	200 150	-8,23	4,47	4,85
15 - Gorduras, óleos e ceras, animais ou vegetais	232 738	169 961	-26,97	4,77	4,12
39 - Plásticos e suas obras	169 726	168 874	-0,50	3,48	4,09
87 - Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.	239 823	142 670	-40,51	4,91	3,46
12 - Sementes e frutos oleaginosos; grãos; etc.	292 516	101 029	-65,46	5,99	2,45
94 - Móveis; mobiliário médico-cirúrgico; colchões; etc.	85 591	96 761	13,05	1,75	2,34
29 - Produtos químicos orgânicos	70 602	87 744	24,28	1,45	2,13
47 - Pastas de madeira, etc; desp. e aparas de papel	64 268	81 334	26,55	1,32	1,97
40 - Borracha e suas obras	74 266	72 715	-2,09	1,52	1,76
82 - Ferramentas, artefatos de cutelaria e talheres, etc.	76 321	66 657	-12,66	1,56	1,61
44 - Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	57 757	53 487	-7,39	1,18	1,30
85 - Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, etc.	65 615	52 858	-19,44	1,34	1,28
Subtotal	4 311 228	3 579 772	-16,97	88,34	86,70
Outros	568 856	549 237	-3,45	11,66	13,30
TOTAL GERAL	4 880 084	4 129 009	-15,39	100,00	100,00

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 2

Exportações do RS por mercadorias — jan.-out./1998 e jan.-out./1999

MERCADORIAS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		Δ%	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
Outros calçados de couro natural	698 300	671 490	-3,84	14,31	16,26
Fumo não-manufaturado, total ou parcialmente destalado, folhas secas, tipo virginia	540 828	468 350	-13,40	11,08	11,34
Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	324 592	224 493	-30,84	6,65	5,44
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	224 672	163 210	-27,36	4,60	3,95
Outros calçados de couro natural cobrindo o tornozelo	138 508	128 717	-7,07	2,84	3,12
Fumo não-manufaturado, total ou parcialmente destalado, folhas secas, tipo burley	101 713	105 940	4,16	2,08	2,57
Outros grãos de soja, mesmo triturados	282 908	99 412	-64,86	5,80	2,41
Couro/pele bovina, preparado após curtimento, plena flor	83 123	87 313	5,04	1,70	2,11
Carnes de galos ou galinhas, não cortadas em pedaços	93 720	80 896	-13,68	1,92	1,96
Pedaços e miudezas, comestíveis de galos ou galinhas, congelados	63 724	78 411	23,05	1,31	1,90
Pasta química da madeira de não-conífera a soda/sulfato	51 479	69 369	34,75	1,05	1,68
Polietileno sem carga, densidade inferior a 0,94, em forma primária	66 040	64 539	-2,27	1,35	1,56
Outros polietilenos sem carga, densidade superior ou igual a 0,94, em formas primárias	55 405	51 397	-7,23	1,14	1,24
Outros couros/peles bovinas, prepar. curt. plena flor	45 652	43 840	-3,97	0,94	1,06
Couro/pele, inteiro/meio, de bovino, wet blue	22 821	36 802	61,26	0,47	0,89
Benzeno	30 569	35 454	15,98	0,63	0,86
Outros aparelhos de ar condicionado, para paredes/janelas	16 763	34 678	106,87	0,34	0,84
Outros calçados de borracha ou plástico	31 842	33 862	6,34	0,65	0,82
Fumo não-manufaturado não destalado em folhas secas, etc., tipo virginia	36 585	32 993	-9,82	0,75	0,80
Outras obras de couro natural ou reconstituído	29 771	32 872	10,42	0,61	0,80
Móveis de madeira para quartos de dormir	29 677	31 119	4,86	0,61	0,75
Outras carnes, de suínos, congeladas	35 197	31 040	-11,81	0,72	0,75
Cigarros de fumo	94 074	29 909	-68,21	1,93	0,72
Outros móveis de madeira	24 383	29 739	21,97	0,50	0,72
Veículos automóveis para transporte de 10 pessoas ou mais	24 330	29 383	20,77	0,50	0,71
Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	0	28 767	-	0,00	0,70
Desperdícios de fumo	32 466	28 087	-13,49	0,67	0,68
Outros calçados de couro natural e sola exterior	34 583	28 063	-18,85	0,71	0,68
Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha	14 859	27 086	82,29	0,30	0,66

(continua)

Tabela 2

Exportações do RS por mercadorias — jan.-out./1998 e jan.-out./1999

MERCADORIAS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		$\Delta\%$	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
Outras espingardas/carabinas para caça/ /tiro-ao-alvo	28 361	26 987	-4,84	0,58	0,65
Carroçarias para veículos automóveis que transporte 10 pessoas ou mais	52 816	26 045	-50,69	1,08	0,63
Consumo de bordo - combustíveis e lu- brificantes	19 952	23 737	18,97	0,41	0,57
Motores diesel/semidiesel, para veículos do Capítulo 87	39 769	22 760	-42,77	0,81	0,55
Pneumáticos novos de borracha para mo- tocicletas	22 801	22 598	-0,89	0,47	0,55
Madeira de não-coníferas, em estilhas	32 892	22 142	-32,68	0,67	0,54
Outros maquinários e aparelhos para co- lheita	68 349	21 901	-67,96	1,40	0,53
Extrato tanante de mimosa	21 932	21 365	-2,59	0,45	0,52
Preparações alimentícias e conservas de bovinos	11 439	19 858	73,60	0,23	0,48
Borracha de estireno-butadieno em ou- tras formas	16 885	19 128	13,28	0,35	0,46
Madeira de coníferas, serrada/cortada em folhas	17 268	18 622	7,84	0,35	0,45
Polipropileno sem carga, em forma pri- mária	24 177	18 188	-24,77	0,50	0,44
Outros tipos de mate	19 475	17 684	-9,20	0,40	0,43
Outros reboques e semi-reboques para transporte de mercadorias	29 436	16 824	-42,85	0,60	0,41
Outras guarnições não montadas para freios	17 524	16 689	-4,76	0,36	0,40
Outros condensadores fixos com dielé- trico papel ou de plásticos	17 620	15 779	-10,45	0,36	0,38
Polietileno linear, densidade menor que 0,94 em forma primária	64	15 380	23 931,25	0,00	0,37
Outros fungicidas apresentados de ou- tro modo	12 319	15 331	24,45	0,25	0,37
Subtotal	3 681 663	3 168 249	-13,95	75,44	76,73
Outros	1 198 421	960 760	-19,83	24,56	23,27
TOTAL GERAL	4 880 084	4 129 009	-15,39	100,00	100,00

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 3

Variação percentual do valor, da quantidade e do preço médio de mercadorias selecionadas das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

MERCADORIAS	VALORES	QUANTIDADE	PREÇOS
Outros calçados de couro natural	-3,84	9,01	-8,77
Fumo não manufaturado, total ou parcialmente destalado, folhas secas, tipo <i>virgínia</i>	-13,40	7,06	-19,32
Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	-30,84	-17,37	-16,32
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	-27,36	2,17	-28,90
Outros calçados de couro natural cobrindo o tornozelo	-7,07	11,42	-11,42
Fumo não manufaturado, total ou parcialmente destalado, folhas secas, tipo <i>burley</i>	4,16	31,22	-20,60
Outros grãos de soja, mesmo triturados	-64,86	-53,68	-24,13
Carnes de galos ou galinhas, não cortadas em pedaços	-13,68	-11,91	-1,90
Pedaços e miudezas, comestíveis de galos ou galinhas, congelados	23,05	22,93	0,00
Outros calçados de borracha ou plástico	6,34	20,71	-0,28
Fumo não manufaturado não destalado em folhas secas, etc., tipo <i>virgínia</i>	-9,82	18,33	-23,90
Outras carnes, de suínos, congeladas	-11,81	14,68	-23,30
Cigarros de fumo	-68,21	-67,96	9,74
Outros calçados de couro natural e sola exterior	-18,85	-10,89	-11,53
Outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha	82,29	112,68	-7,67

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 4

Valores e participações das exportações, por blocos econômicos,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

BLOCOS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		PARTICIPAÇÃO %		Δ%
	1998	1999	1998	1999	
Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)	1 219 341	903 991	24,99	21,89	-25,86
Mercado Comum do Sul (Merco-sul)	933 584	704 446	19,13	17,06	-24,54
Argentina	599 682	460 837	12,29	11,16	-23,15
Uruguai	176 680	146 171	3,62	3,54	-17,27
Paraguai	157 222	97 438	3,22	2,36	-38,03
Demais Países da ALADI (exclu-sive o México)	285 757	199 545	5,86	4,83	-30,17
Chile	111 253	87 834	2,28	2,13	-21,05
Bolívia	59 150	40 913	1,21	0,99	-30,83
Outros	115 354	70 798	2,36	1,71	-38,63
NAFTA	1 138 250	1 146 483	23,32	27,77	0,72
Estados Unidos	1 037 844	1 059 011	21,27	25,65	2,04
México	52 746	48 059	1,08	1,16	-8,89
Canadá	47 660	39 413	0,98	0,95	-17,30
União Européia (UE)	1 130 271	1 052 687	23,16	25,49	-6,86
Alemanha	212 568	209 791	4,36	5,08	-1,31
Reino Unido	200 880	189 717	4,12	4,59	-5,56
Espanha	142 350	166 459	2,92	4,03	16,94
Países Baixos	129 089	150 408	2,65	3,64	16,51
Itália	149 636	133 008	3,07	3,22	-11,11
Bélgica	124 286	72 232	2,55	1,75	-41,88
França	41 100	49 182	0,84	1,19	19,66
Dinamarca	57 473	25 019	1,18	0,61	-56,47
Grécia	28 303	18 287	0,58	0,44	-35,39
Portugal	25 837	17 003	0,53	0,41	-34,19
Suécia	10 092	9 055	0,21	0,22	-10,28
Irlanda	2 710	6 174	0,06	0,15	127,82
Áustria	3 293	2 897	0,07	0,07	-12,03
Finlândia	2 322	1 773	0,05	0,04	-23,64
Luxemburgo	332	1 682	0,01	0,04	406,63
Ásia (exclusive Oriente Médio)	738 439	479 272	15,13	11,61	-35,10
Japão	170 025	157 816	3,48	3,82	-7,18
Hong Kong	81 197	69 656	1,66	1,69	-14,21
Coreia do Sul	15 072	47 230	0,31	1,14	213,36
China	206 867	42 950	4,24	1,04	-79,24
Indonésia	22 010	42 740	0,45	1,04	94,18
Cingapura	18 525	28 919	0,38	0,70	56,11
Filipinas	31 102	18 982	0,64	0,46	-38,97
Malásia	23 755	16 791	0,49	0,41	-29,32
Tailândia	34 133	16 213	0,70	0,39	-52,50
Taiwan (Formosa)	95 498	13 876	1,96	0,34	-85,47
Índia	11 281	11 492	0,23	0,28	1,87
Paquistão	14 610	6 564	0,30	0,16	-55,07
Bangladesh	8 105	3 301	0,17	0,08	-59,27
Vietnã	5 028	1 580	0,10	0,04	-68,58
Sri Lanka	127	338	0,00	0,01	166,14
Nepal	19	0	0,00	0,00	-100,00
Outros	1 085	824	0,02	0,02	-24,06

(continua)

Tabela 4

Valores e participações das exportações, por blocos econômicos,
do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

BLOCOS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		PARTICIPAÇÃO %		Δ%
	1998	1999	1998	1999	
Oriente Médio	253 541	220 199	5,20	5,33	-13,15
República Islâmica do Irã	160 726	129 519	3,29	3,14	-19,42
Arábia Saudita	57 263	54 456	1,17	1,32	-4,90
Outros	35 552	36 224	0,73	0,88	1,89
Europa Oriental	64 194	77 540	1,32	1,88	20,79
África	138 488	75 933	2,84	1,84	-45,17
Demais Países da América Latina	47 501	40 045	0,97	0,97	-15,70
Oceania	34 772	32 737	0,71	0,79	-5,85
Demais Países da Europa Ocidental	51 563	26 712	1,06	0,65	-48,20
Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)	28 928	22 145	0,59	0,54	-23,45
Comunidade e Mercado Comum do Caribe (CARICOM)	6 084	18 649	0,12	0,45	206,53
Demais Países da América	5 957	6 819	0,12	0,17	14,47
Provisão de Navios e Aeronaves	22 756	25 797	0,47	0,62	13,36
TOTAL	4 880 085	4 129 009	100,00	100,00	-15,39

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

Tabela 5

Valores e participação das importações, por capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

CAPÍTULOS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		Δ%	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
27 - Combustíveis, óleos e ceras minerais, etc.	504 259	564 822	12,01	13,95	21,22
84 - Caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, etc.	605 026	388 681	-35,76	16,74	14,60
87 - Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.	553 367	221 913	-59,90	15,31	8,34
85 - Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, etc.	93 285	179 995	92,95	2,58	6,76
10 - Cereais	271 837	178 516	-34,33	7,52	6,71
31 - Adubos ou fertilizantes	179 285	155 613	-13,20	4,96	5,85
29 - Produtos químicos orgânicos ...	126 686	144 303	13,91	3,50	5,42
41 - Peles, exceto peleteria (peles com pêlos), e couros	101 797	100 623	-1,15	2,82	3,78
39 - Plásticos e suas obras	92 049	73 685	-19,95	2,55	2,77
90 - Instrumentos e aparelhos de óptica, foto, precisão, médicos, etc.	69 016	52 629	-23,74	1,91	1,98
40 - Borracha e suas obras	60 846	51 135	-15,96	1,68	1,92
28 - Produtos químicos inorgânicos, etc.	63 794	41 878	-34,35	1,76	1,57
48 - Papel e cartão; obras de pasta celulósica, etc.	65 965	34 399	-47,85	1,82	1,29
Subtotal	2 787 212	2 188 192	-21,49	77,10	82,20
Outros	827 935	473 763	-42,78	22,90	17,80
TOTAL GERAL	3 615 147	2 661 955	-26,37	100,00	100,00

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

NOTA: Os dados compreendem correções do Siscomex até 25.11.99.

Tabela 6

Valores e participação das importações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

MERCADORIAS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		$\Delta\%$	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
Óleos brutos de petróleo	235 938	273 143	15,77	6,53	10,26
Outras naftas	111 198	131 707	18,44	3,08	4,95
Naftas para petroquímica	123 430	124 456	0,83	3,41	4,68
Outros grupos eletrogêneos	0	94 621	-	0,00	3,55
Outros couros/peles bovinas, preparados após curtimento, plena flor	57 583	75 126	30,47	1,59	2,82
Automóveis com motor explosão, 1500 < cm ³ <= 3000	276 773	68 813	-75,14	7,66	2,59
Arroz (<i>paddy</i>) com casca, não parboilizado	55 291	62 352	12,77	1,53	2,34
Outras espécies de trigo e misturas de trigo	52 701	56 821	7,82	1,46	2,13
Outros cloretos de potássio	55 489	49 295	-11,16	1,53	1,85
Dióxido de ortofosfato de amônio	37 404	35 145	-6,04	1,03	1,32
Automóveis com motor explosão, cil <= 1000cm ³	0	30 003	-	0,00	1,13
Outros veículos automóveis com motor diesel	91 529	27 753	-69,68	2,53	1,04
Arroz semibranqueado, etc., não parboilizado	96 273	25 785	-73,22	2,66	0,97
Uréia com teor de nitrogênio superior a 45% em peso	21 794	25 156	15,43	0,60	0,95
Outros motores diesel ou semidiesel, para veículos do Capítulo 87	28 891	21 695	-24,91	0,80	0,82
Outras borrachas misturadas, não vulcanizadas em formas primárias	18 159	21 040	15,87	0,50	0,79
Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	0	20 257	-	0,00	0,76
Ácido fosfórico com teor de arsênio superior ou igual a 8 ppm	33 333	19 498	-41,51	0,92	0,73
Gás liquefeito de petróleo (GLP)	9 563	19 089	99,61	0,26	0,72
Outros veículos automóveis com motor a explosão	71 254	16 642	-76,64	1,97	0,63
Outras cebolas frescas ou refrigeradas	32 886	15 802	-51,95	0,91	0,59
Arroz ("carga" ou castanho), descascado, não parboilizado	31 840	15 700	-50,69	0,88	0,59
Outros compostos heterocíclicos de heteroátomos	18 619	15 138	-18,70	0,52	0,57
Outras máquinas e aparelhos para trab. borracha/plástico	1 127	15 032	1 233,81	0,03	0,56
Superfosfato, teor de pentóxido de fósforo	18 802	14 216	-24,39	0,52	0,53
Outros tiocompostos orgânicos	12 095	13 213	9,24	0,33	0,50
Outras máquinas e aparelhos para preparar/transformar	18 622	12 757	-31,50	0,52	0,48
Papel jornal, em rolos/folhas, de peso menor ou igual a 57g/m ²	16 344	12 245	-25,08	0,45	0,46
Caixas de marchas para tratores e <i>dumpers</i>	15 439	11 889	-22,99	0,43	0,45
Automóveis com motor explosão, cm ³ > 3000, até seis pessoas	20 272	11 782	-41,88	0,56	0,44

(continua)

Tabela 6

Valores e participação das importações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

MERCADORIAS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		Δ%	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
Leite UHT, 1%<matéria oida<=6%, não concentrado	15 917	11 660	-26,74	0,44	0,44
Tecido impregnado/revestido, etc. com poliuretano	15 960	11 584	-27,42	0,44	0,44
Outros nitratos de sódio potássico	2 860	11 386	298,11	0,08	0,43
Outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria	24 079	11 183	-53,56	0,67	0,42
Ácido 2-hidroxi-4-(metilil) butanóico	8 783	11 101	26,39	0,24	0,42
Outros motores compressores herméticos	10 967	10 196	-7,03	0,30	0,38
Outras máquinas e aparelhos para colheita	2 569	10 173	295,99	0,07	0,38
Blocos de cilindros, cabeçotes, etc. para motores	13 811	9 387	-32,03	0,38	0,35
Motocompressor hermético, capacidade <4700 fri.	5 176	8 762	69,28	0,14	0,33
Outros compostos heterocíclicos 1 ciclo piridina	56	8 724	15 478,57	0,00	0,33
Outras espécies de milho, em grão	21 824	8 695	-60,16	0,60	0,33
Outros herbicidas apresentados de outro modo	0	8 104	-	0,00	0,30
Falsos tecidos de outros filamentos sintéticos/artificiais	9 108	8 012	-12,03	0,25	0,30
Fosfatos de cálcio, naturais, não moídos	14 559	7 477	-48,64	0,40	0,28
Partes de outras máquinas e aparelhos para colheita	7 551	6 740	-10,74	0,21	0,25
Outras partes para motores diesel ou semidiesel	9 099	6 529	-28,24	0,25	0,25
Outros negros de carbono	7 814	6 002	-23,19	0,22	0,23
Cevada cervejeira	7 224	5 927	-17,95	0,20	0,22
Outros painéis de madeira	10 390	5 918	-43,04	0,29	0,22
Outros aparelhos e dispositivos p/tratamento de matérias c/mudança de temperatura	10 591	5 872	-44,56	0,29	0,22
Outras carnes de bovino, não desossadas, frescas	15 485	5 866	-62,12	0,43	0,22
Outras partes para aviões ou helicópteros	5 695	5 757	1,09	0,16	0,22
Propano em bruto, liquefeito	8 351	5 673	-32,07	0,23	0,21
Outras preparações catalíticas	4 844	5 569	14,97	0,13	0,21
Butanos liquefeitos	1 325	5 526	317,06	0,04	0,21
Aparelhos de tomografia computadorizada	5 296	5 500	3,85	0,15	0,21
Estireno	4 037	5 478	35,69	0,11	0,21
Outras partes de máquinas e aparelhos mecânicos	2 441	5 359	119,54	0,07	0,20
Sulfato de potássio, teor de óxido de potássio	6 632	5 301	-20,07	0,18	0,20
Máquinas e aparelhos para fabricação/conserto de calçados	3 240	5 223	61,20	0,09	0,20
Partes de outras turbinas a gás	3	5 133	171 000,00	0,00	0,19
Outros falsos tecidos, peso>150g/m	6 783	5 098	-24,84	0,19	0,19
Subtotal	1 825 119	1 575 086	-13,70	50,49	59,17
Outros	1 790 028	1 086 869	-39,28	49,51	40,83
TOTAL GERAL	3 615 147	2 661 955	-26,37	100,00	100,00

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

NOTA: Os dados compreendem correções do Siscomex até 25.11.99.

Tabela 7

Valores e participação das importações, por países, do Rio Grande do Sul — jan.-out./98 e jan.-out./99

PAÍSES	VALORES (US\$ 1 000 FOB)		Δ%	PARTICIPAÇÃO %	
	1998	1999		1998	1999
Argentina	1 236 965	774 590	-37,38	34,22	29,10
Estados Unidos	551 635	496 160	-10,06	15,26	18,64
Uruguai	287 260	162 937	-43,28	7,95	6,12
Argélia	132 546	143 540	8,29	3,67	5,39
Alemanha	203 012	143 512	-29,31	5,62	5,39
Itália	199 593	136 736	-31,49	5,52	5,14
Nigéria	48 726	88 826	82,30	1,35	3,34
França	71 601	61 822	-13,66	1,98	2,32
Reino Unido	65 583	52 045	-20,64	1,81	1,96
Japão	107 864	50 778	-52,92	2,98	1,91
Rússia	44 094	49 632	12,56	1,22	1,86
Venezuela	34 740	39 616	14,04	0,96	1,49
Espanha	47 381	38 762	-18,19	1,31	1,46
Canadá	48 574	38 297	-21,16	1,34	1,44
Chile	52 023	31 617	-39,22	1,44	1,19
Países Baixos	44 081	26 515	-39,85	1,22	1,00
Subtotal	3 175 678	2 335 385	-26,46	87,84	87,73
Outros	439 469	326 570	-25,69	12,16	12,27
TOTAL GERAL	3 615 147	2 661 955	-26,37	100,00	100,00

FONTE: MDIC/SECEX/DTIC/Sistema Alice.

NOTA: Os dados compreendem correções do Siscomex até 25.11.99.

Bibliografia

- ARRUDA, Guilherme (1999). Moveleiros abrem mais frentes. **Gazeta Mercantil do RS**, 26 out., p.1.
- BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (1999). Brasília : SECEX, jan./out.
- CALÇADO gaúcho interessa a empresários mexicanos (1999). **Correio do Povo**, Porto Alegre, 4 maio, p.12.
- DESESSARDS, Kátia (1999). Ipiranga duplica a produção. **Gazeta Mercantil do RS**, Porto Alegre, 10-12 set., p.5.
- ECONOMIA da América Latina encolhe 0,3% em 99, diz Cepal (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 nov., p.2-2.
- ERTEL, Lurdete (1999). **Zero Hora**, Porto Alegre : RBS, 10 nov., p. 20.
- ESTADO precisa aumentar o abate para atender o mercado externo (1999). **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 1-2 nov., p. 12.
- EXPORTAÇÕES por capítulos, mercadorias e países (1999). SECEX/DECEX, jan.-out. Arquivo capturado através do Sistema Alice em 25 nov.
- FONSECA, Marcos (1999). Ford troca o porto de Rio Grande pelo de Vitória. **Zero Hora**, Porto Alegre : RBS, 8 maio, p.5.
- GUIMARÃES, Luiz ; COSTA, Edson Álvares da (1999). Desvalorização anima o setor de calçados. **Gazeta Mercantil**, 20 jan., p.A-25.
- GUIMARÃES, Luiz (1999). Exportação de fumo bate novo recorde. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 12-15 nov., p.B-20.
- GUIMARÃES, Luiz (1999a). Exportação de fumo deve cair 13%. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 10 mai., p.B-24.
- GUIMARÃES, Luiz (1999b). Manobra argentina barra exportação de calçados. **Gazeta Mercantil**, 9 nov., p.A-4.
- IMPORTAÇÕES por capítulos, mercadorias e países (1999). SECEX/DECEX, jan.-out. Arquivo capturado através do Sistema Alice em 25 nov.
- INDÚSTRIA calçadista e fornecedores unem-se no sul (1999). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 12 abr., p.A-4.
- PAULA, Nestor de (1999). Só exportação salva pólo gaúcho. **Zero Hora**, Porto Alegre : RBS, 18 jul., p.8. (Caderno de Economia).

PAZ, Vitor (1999). Agregar mais valor ao couro. **Gazeta Mercantil do RS**, Porto Alegre, 18 out., p.1.

SEVERO, Rivadavia (1999). Lácteos importados perdem mercado. **Gazeta Mercantil do RS**, Porto Alegre, 8 jun., p.6.

SOUSA, Paulo Henrique (1999). Procura-se mercado para a carne suína. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 22 jul., p.B-20.

TERUCHKIN, Sônia Unikowsky (1999). O intercâmbio comercial do RS com o exterior: jan.-set./98. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.26, n.4, p.143.

US\$ 735 MILHÕES com fumo exportado (1999). **Gazeta Mercantil do RS**, Porto Alegre, 9 ago., p.1.

VENDAS de adubos poderão cair 15% (1999). **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 nov, p.12.